

## *Os (ser)tões: representações no passado e no presente*

*The sertões, a remote hinterland: its  
representations in the past and in the present*

*Los “sertões” (regiones interiores):  
representación en el pasado y en el presente*

Isis Maria Cunha Lustosa  
Universidade Federal do Tocantins  
isismclustosa@gmail.com

Marciléia Oliveira Bispo  
Universidade Federal do Tocantins  
marcileiabispo@uft.edu.br

---

### **Resumo**

Este artigo surge especialmente a partir da leitura do escrito ‘Em Busca da Poética do Sertão: um Estudo das Representações’ (ALMEIDA, 2003) com quem se estabelece o principal diálogo e sobre o qual se apresenta uma (re)leitura e (re)poética dos (Ser)Tões, baseando-se na geografia e na literatura, mais especificamente na geografia literária. A intenção nesta prosa é ter a liberdade da escrita para proporcionar um colóquio do citado escrito de Almeida (2003) com algumas composições e poemas regionais brasileiro(a)s que enfocam a categoria em questão, bem como permear este diálogo com outros teóricos que tratam sobre os (Ser)tões do Brasil ou autores que promovam discursos entre a geografia e a literatura a partir das diferentes visões de mundo. Os (Ser)Tões do *passado* tornam-se contrastantes em relação aos (Ser)Tões do *presente* mediante as representações demonstradas ao longo da prosa.

**Palavras-chave:** Sertões, geografia, literatura.

---

### **Abstract**

This article is mostly the result of readings and interpretation of the manuscript, ‘In Seek of the Poetics of a Remote Hinterland: a Study of the Representations’ (ALMEIDA, 2003) through which a main dialogue is established and a (re)reading and (re)poetics of a Remote Hinterland are presented based on geography and literature, more specifically on a ‘literary geography’. The intention in this type of prose analysis is to take the opportunity to freely write as the means to provide a colloquy based on cited texts of Almeida (2003) which have some Brazilian regional

compositions and poems, as well as to allow interfaces of this dialogue with other writers theoretical works who have dealt with the Brazilian Hinterlands themes or with authors who have promoted the discourses between geography and literature from different worldviews. The *Sertões*, a remote hinterland which has contrasts as compared to its past and its present as analyzed and discussed in this article.

**Keywords:** *Sertões*, Remote Hinterlands, Geography, Literature.

---

### Resumen

En este artículo se plantea sobre todo de la lectura del escrito ‘En busca de la Poética del “Sertões” (regiones interiores): Un estudio de las representaciones’ (ALMEIDA, 2003) con el que se establece el diálogo principal y en la que tiene una (re)lectura de y la (re)poética de los “Sertões” (regiones interiores), con base en la geografía y la literatura, especialmente en la geografía literaria. La intención en esta prosa es tener libertad de la escrita para presentar un coloquio del dicho escrito Almeida (2003) con algunas canciones y poemas regionales brasileño(a)s que se centran en la categoría de que se trate, así como permeado este diálogo con otros teóricos que tratan sobre “Sertões” (regiones interiores) del Brasil o a los autores que promueven el discurso entre la geografía y la literatura de diferentes visiones del mundo. Los “Sertões” del *pasado* se tornan contrastes a los “Sertões” del *presente* en las declaraciones que se muestran a lo largo de la prosa.

**Palabras-clave:** “Sertões” (Regiones interiores), geografía, literatura.

---

## Introdução: Então... Vamos *prosear*?

*Prosear é um jeito de falar [...] indo ao sabor do vento. Palavras fluindo. Um jeito taoísta de ser [...] A prosa encontra sua felicidade em prosear. Como andar de barco a vela em que o bom não é chegar, mas o ‘estar indo’ [...].*

Rubem Alves<sup>1</sup>

O ‘vamos *prosear*’ proposto procura dar liberdade à escrita permeando-a pela geografia e a literatura. Isso não só é possível, como ocorre em importantes produções nacionais e internacionais. Segundo Almeida, “a grande maioria dos geógrafos, quando se interessou pela literatura, foi dominada por reflexões sobre a representação literária da realidade geográfica” (2004, p. 1). Em se tratando da geografia brasileira, as produções desenvolvidas a partir dos colóquios entre a geografia e a literatura tomam forma. Chaveiro (2007, p. 175) afirma que:

A geografia [...] brasileira tem produzido experiências práticas que celebram as possibilidades de intersecção de ciência e arte. Mais precisamente, tem descoberto que as categorias de análise da geografia e o seu objeto de estudo, encontram-se pautados nas narrativas literárias, em diferentes gêneros e espécies de poesia, na pintura, no cinema e, inclusive, nas *charges*.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.rubemalves.com.br/proseando.htm>>. Acesso em: 24 de setembro de 2009.

É impossível negar as produções na geografia brasileira que geram a intersecção entre ciência e arte exposta por Chaveiro, pois a abordagem cultural “permite levar em conta o papel das representações, a dimensão subjetiva da percepção, o papel da emotividade, dos sentidos [...] na vida humana e social” (CLAVAL, 2008, p. 27). Alguns geógrafos (ALMEIDA, 2003; 2004; CHAVEIRO, 2007; BARCELLOS, 2006; 2009; SUZUKI, 2005) conseguem por meio da geografia e da literatura “unificar a ciência e arte numa mesma perspectiva” (MOREIRA, 2007, p. 146) em que “o viver humano é uma unidade do simbólico e do real [...] impregnado de imagens e [...] significados” (MOREIRA, 2007, p. 145). Este autor também afirma que “o objeto da fala, da ciência como da arte, é o mundo do próprio homem” (MOREIRA, 2003, p. 146). Esta intersecção entre ciência e arte amplia-se no âmbito das ciências humanas e, no caso específico da geografia, promove possibilidades de entendimento do real levando em consideração os próprios sujeitos que experimentam as espacialidades apresentadas nas narrativas literárias.

Assim, o geógrafo, ao direcionar seu olhar para novas formas de se fazer a geografia e se ler o real, tem um papel importante e significativo ao buscar materiais que expliquem este real partindo, por exemplo, da literatura, o que já está materializado na geografia internacional, como afirma Barcellos (2009, p. 41):

Os estudos geográficos realizados a partir da análise de textos literários já constituem uma linha de pesquisa consolidada na geografia internacional [...] Na relação entre geografia e literatura, os textos literários apresentam-se como um rico material a ser apreciado [...], pois eles evocam a alma dos lugares e o cotidiano das pessoas.

Esta relação entre a geografia e a literatura pode se expressar por vários caminhos, ou melhor, pela relação entre as categorias geográficas e suas representações na literatura, por meio da evocação do lugar, do espaço e da terra. Apresenta-se aqui como exemplo a categoria espaço, expressa por Moreira (2007, p. 143) quando ele diz que “a relação entre geografia [...] e letras não só é possível, como de fato existe. E o que embasa essa relação é a categoria do espaço”, pois a geografia, assim como a literatura, não se encontra desatenta à realidade do ser humano. Na trama espaço-temporal da humanidade, esta realidade pode ser anunciada pela linguagem do signo ou pela linguagem da ciência. Reforçando a importância da categoria espaço mencionada acima, Almeida (2003, p. 71) afirma que:

O espaço, além de ser produto das atividades humanas, tem múltiplas valorizações e caracteriza-se por atributos funcionais, estruturais e afetivos. Espaço pode ser, então, considerado como

o lugar onde os homens e mulheres, ideologicamente diferentes, procuram impor suas representações, suas práticas e seus interesses. Cada espaço, tornando-se social, está possuído de símbolos e afetividades atribuídos pelas pessoas.

Na literatura encontra-se o literato refletindo sobre sua espacialidade, e neste processo os elementos que constituem essa espacialidade são também caracterizados e expostos. Desta forma, são evidenciadas as suas experiências espaciais cotidianas, que por sua vez, se materializam em conhecimento geográfico. É neste sentido que ao pontuar a categoria espaço a partir de Moreira (2007) e ainda conforme Almeida (2003) torna-se possível o entendimento deste como um dos elementos que promove o diálogo entre a geografia e a literatura. É este colóquio geoliterário se articula por meio das representações, das imagens construídas pelos sujeitos ou indivíduos sobre os lugares, os personagens, os elementos constituintes do espaço, presentes nas obras literárias, na musicalidade, na literatura de cordel e em outras formas de arte.

Portanto, o estudo sobre as representações possibilita uma forma de compreender as relações que se tecem entre a geografia e literatura. Por isso busca-se evidenciar a visão dos (Ser)Tões, por meio das representações e, como assinalado anteriormente, mediante a (re)leitura de Almeida (2003). A referida autora, no tocante às representações, afirma que:

O estudo das representações espaciais centra-se sobre as modalidades de apreensão do mundo e do *status* do real, isto é, o problema da adequação entre a realidade, o que nós percebemos e nossos discursos sobre a realidade. É através de um conhecimento das representações das pessoas que é possível captar toda a riqueza de valores que dão sentido aos lugares de vida dos homens e mulheres; pelas representações também é possível entender a maneira pela qual as pessoas modelam as paisagens e nelas afirmam suas convicções e suas esperanças (2003, p. 71).

A partir desta abordagem vê-se que as representações se inscrevem no cotidiano por meio do simbólico, são mediações que se operam entre o concebido e o vivido, cujas dimensões sociais, afetivas e locais estão expressas. E ainda, como assinala Claval, “as representações não falam somente do que existe: elas também dão uma grande medida do que é a imaginação” (2008, p. 18).

Portanto, continuando a interlocução com Almeida (2003) por meio do seu artigo ‘Em Busca do Poético do Sertão: um Estudo de Representações’ procura-se ponderar sobre os (Ser)Tões numa leitura entre a geografia e a literatura, pois nesta obra a autora afirma: “as representações que me

interessam aqui, em particular, são aquelas sobre o sertão” (2003, p. 71). As nossas também! Os (Ser)Tões do *passado*: áridos; de vidas sofridas; dos pastoreios e dos sertanejos lutadores, tornam-se contrastantes aos (Ser)Tões do *presente* cada vez mais vislumbrados para novos usos como, o turismo, que comercializa estes (Ser)Tões mediante as representações demonstradas no(a)s: artesanatos; xilogravuras; literaturas de cordel; memoriais; exposições culturais; cenários televisuais e até como ambientes físicos para a implantação de áreas demonstrativas para experiências de projetos governamentais.

As representações dos (Ser)Tões tornam-se tão amplas como a própria extensão geográfica ao ponto de geografia e literatura tecerem produções que suscitem uma “geografia do sertão” (CHAVEIRO, 2007, p. 176) sobre a qual este autor ainda esclarece:

Em que pese haver diferenciações temáticas na interlocução teórica e no modo como se dá o elo entre os campos, todos eles partem por compreender que a narrativa literária tece fotografias imaginárias que ajudam a desvendar conflitos sociais, modos de vida, organização do trabalho, forma e função de cidades, hábitos de morar, cultura alimentar, modos de falar, eventos culturais, molecagens, traquinagens, astúcias de camponeses, lazer, situações amorosas, preconceitos, violência e encantamento pela natureza como componentes de enredos e situações de uma certa “geografia do sertão” (2007, p. 175-176).

Nos discursos sobre as representações referentes aos (Ser)Tões, estes são revelados por meio “dessa pluralidade do olhar” (ALMEIDA, 2003, p. 71). A autora ainda destaca que são os “de dentro” e os “de fora” (2003, p. 71) a apregoar os (Ser)Tões. Assim, estes (Ser)Tões podem ser revelados pela geografia por meio da abordagem cultural e, também pela literatura. Esta inter-relação entre ciência e arte propicia reflexões reveladoras, especialmente quando o que está representado faz parte do vivido no (Ser)Tão Nordestino ou no (Ser)Tão Brasileiro, a partir desta (re)leitura interdisciplinar geoliterária.

De tal modo, o elo que se estabelece entre uma leitura geoliterária<sup>2</sup> sobre os (Ser)Tões é fundamental, sobretudo para que se entenda que a literatura é um discurso que acontece (na) e (pela) sociedade e não é apartada da cultura. Tanto que Moreira (2007, p. 46) afirma:

A literatura não é, assim, alheia à realidade humana, e se dela fala com a linguagem subjetiva do signo, nem por isso dela fala menos como realidade que a ciência. São falas sobre o mundo

---

<sup>2</sup> Com base em Almeida (2009) “a geografia literária tenta, preferencialmente, fornecer uma interpretação do texto literário, baseando-se em categorias, conceitos e análises geográficas e até o aspecto social é incorporado” (p. 2).

tanto o discurso da literatura quanto o da geografia [...], todos eles não sendo mais que modos de interpretação-representação do real.

Portanto, a geografia com abordagem cultural deve continuar a “tentar superar a separação entre sensibilidade e razão, poesia e ciência, que a ‘modernidade’ ocidental acabou dicotomizando” (BERQUE, 1990 *apud* HAESBAERT, 1997). Então... Vamos continuar a prostrar? O encontro geoliterário permite a (re)leitura e (re)poética dos (Ser)Tões reveladores de representações ressaltadas nas próximas duas passagens: ‘Os (Ser)Tões: Nordeste e Brasileiro’ e ‘Os (Ser)Tões: Representações no *Passado* e no *Presente*’. Na primeira passagem, além de serem apresentados alguns dos autores que abordaram os (Ser)Tões, procura-se expressar a pluralidade desta categoria no campo geográfico, político, social, cultural e ambiental. Na segunda, são reveladas algumas representações sobre os (Ser)Tões ressaltando, especialmente, os compositores e o poeta eleito para fundamentar como os (Ser)Tões são expressados pelas várias visões de mundo.

### **Os (Ser)Tões: Nordeste e Brasileiro**

E os (Ser)Tões? A interrogação, em primeiro plano, conduz o pensamento a recordar as seguintes obras: ‘Os Sertões’ de Euclides da Cunha; ‘Vidas Secas’ de Graciliano Ramos e ‘Grande Sertão: Veredas’ de Guimarães Rosa. Mas, não somente esses literatos narraram os (Ser)Tões. Há também “*Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, e [...] seis livros sobre a saga do açúcar, de José Lins do Rego [...] *A terra e o homem no Nordeste*, de Manuel Correia de Andrade” (MOREIRA, 2007, p. 146). E não cessa por aí...

No teatro, no cinema, na televisão, na música, nos poemas e nas mais variadas formas artísticas os (Ser)Tões são expressados como uma realidade geográfica, social, política, cultural, ambiental e transcendental. Nomes difundidos e outros menos disseminados têm contribuído com significativas representações sobre os (Ser)Tões. Estas representações são anunciadas, especialmente, pelos que dominam o “conhecimento [...] popular”, ou seja, os “de dentro” (ALMEIDA, 2003, p. 73), como os compositores nordestinos: Luiz Gonzaga, João do Vale e Dominginhos, apontados como referências neste artigo para que se demonstrem as representações de (Ser)Tões mediante algumas de suas composições e também, alguns escritos do poeta Patativa do Assaré que permitem se realizar interlocuções sobre os (Ser)Tões abordados por Almeida (2003).

Nesta mesma obra a autora afirma que o conhecimento popular é autêntico tanto quanto o conhecimento científico “em razão de sua importância

na vida social, da clareza que ele traz sobre os processos cognitivos e as interações sociais” (ALMEIDA, 2003, p. 73). Por meio deste caráter científico e popular, a geografia e a literatura serão as pedras angulares das representações sobre os (Ser)Tões neste escrito. De fato, cada um adota as suas representações para a categoria de (Ser)Tões. Para uns estes (Ser)Tões são tratados como o agreste sitiado na miséria, na amargura, na seca e na fome. Em outros momentos, os (Ser)Tões são representados como espaço chuvoso no qual se vence a seca com fartura. Essas duas óticas sobre as representações foram demonstradas em forma de canção pelo pernambucano alcunhado ‘o rei do baião’, Luiz Gonzaga, na composição ‘Asa Branca’<sup>3</sup>, posteriormente retrucada por ele em outra composição intitulada ‘A volta da Asa Branca’<sup>4</sup>. Estes poemas cotejados revelam:

### **Asa Branca**

Quando oiei a terra ardendo  
Qual a fogueira de São João  
Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação  
Que braseiro, que fornaia  
Nem um pé de prantação  
Por farta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão  
Inté mesmo a asa branca  
Bateu asas do sertão  
"Intonce" eu disse adeus Rosinha  
Guarda contigo meu coração  
Hoje longe muitas légua  
Numa triste solidão  
Espero a chuva cair de novo  
Pra mim vortar pro meu sertão

### **A Volta da Asa Branca**

Já faz três noites  
Que pro norte relampeia  
A asa branca  
Ouvindo o ronco do trovão  
Já bateu asas  
E voltou pro meu sertão  
Ai, ai eu vou me embora  
Vou cuidar da prantação  
A seca fez eu desertar da minha terra  
Mas felizmente Deus agora se alembrou  
De mandar chuva  
Pr'esse sertão sofredor  
Sertão das muié séria  
Dos homes trabaiaidor  
Rios correndo  
As cachoeira tão zoando  
Terra moiada  
Mato verde, que riqueza  
E a asa branca  
Tarde canta, que beleza  
Ai, ai, o povo alegre  
Mais alegre a natureza  
Sentindo a chuva  
Eu me arrescordero de Rosinha  
A linda flor  
Do meu sertão pernambucano  
E se a safra  
Não atrapaiá meus pranos  
Que que há, o seu vigário  
Vou casar no fim do ano

<sup>3</sup> Letra de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/luiz-gonzaga/47081/>>. Acesso em: 24 de setembro de 2009.

<sup>4</sup> Letra de Luiz Gonzaga. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/luiz-gonzaga/47081/>>. Acesso em: 24 de setembro de 2009.

Para outros, a categoria (Ser)Tões aparece representada por meio da figura do homem sertanejo, como corajoso e persistente na labuta diária do espaço vivido. De tal modo, revela a composição abaixo. Lendo-a, cuidadosamente, é possível identificar antíteses para os (Ser)Tões e os (Ser)tanejos. Igualmente é possível interpretar que este espaço vivido, os (Ser)Tões, conforme quem o olha, varia em paisagem. Desta forma, demonstra um dos seguidores do legado musical de Luiz Gonzaga, o também compositor pernambucano ‘Dominginhos’ na referida letra:

**O Sertão te Espera<sup>5</sup>**

O sertão  
Tá chamando a gente  
O sol ora frio, ora quente  
O vento pra nos refrescar  
Vem  
O sertão nos espera sorrindo  
É um pai que castiga sentindo  
Vontade de nos embalar  
Vem  
Sertanejo sofrido e sem sorte  
E mesmo na hora da morte  
Coragem não se vê faltar  
Vem  
Que nesse sertão de bravura  
Não uma há só criatura  
Para dar sem nada fazer  
Vem  
Que esse chão é bem firme e forte  
É nosso sertão, nossa terra  
Bendito sertão do meu norte

Ou melhor, (Ser)Tões e (Ser)tanejos entrelaçados numa representação que se completa, como declama o poeta cearense Patativa do Assaré (1982) em:

**Eu e o Sertão**

Sertão, arguém te cantô,  
Eu sempre tenho cantado  
E, ainda, cantando tô,  
Pruquê, meu torrão amado,  
Munto te prezo, te quero  
E vejo qui os teus mistero

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/dominginhos/770815/>>. Acesso em: 23 de setembro de 2009.

Ninguém sabe decifrá.  
A tua beleza é tanta,  
Que o poeta canta, canta  
E ainda fica o qui cantá

Este (Ser)Tão completo e complexo que Patativa do Assaré cantou em várias de suas obras, não é um só. Fala-se dos (Ser)Tões plurais. Baseando-se em Almeida (2003, p. 2):

Geograficamente, o termo sertão refere-se aos chamados sertões nordestinos – desde norte de Minas Gerais abrangendo os estados centrais do Nordeste até o Piauí – e o sertão brasileiro considerando os estados de Minas Gerais, de Goiás, de Mato Grosso do Sul e parte de Mato Grosso.

Para além das fronteiras físicas que os demarcam, os (Ser)Tões podem ser identificados na escrita literária “que formalmente abarca as décadas finais do século XIX e iniciais do século XX” (MOREIRA, 2007, p. 153), apresentadas segundo este mesmo autor por:

Ferreira de Castro (para a Amazônia seringueira), Dalcídio Jurandir (para a Amazônia marajoara), Hugo de Carvalho Ramos (para o sertão goiano), Raquel de Queiroz (para o sertão nordestino), José Lins do Rego (para o Nordeste açucareiro), Érico Veríssimo (para o pampa sulino) e, já na esteira do romance roseano, Antônio Cândido de Carvalho (para o sertão mineiro) e Mário Palmério (para o sertão oeste-mineiro) (2007, p. 153).

Esta pluralidade de (Ser)Tões, apesar de bem destacada na citação anterior, não é a representação real para todos, pois o grande público desconhece a abrangência dos (Ser)Tões. Na continuidade de interlocução com Almeida (2003), ela demonstra que "são, portanto, vários sertões" (p. 75). Mas, quase sempre estes (Ser)Tões plurais tomam a conotação de singular, o (Ser)Tão Nordestino. A partir de uma simples busca na *internet* pelo termo (Ser)Tão, encontram-se endereços eletrônicos, em maior parte, informando sobre o (Ser)Tão Nordestino. Mas, há quem mesmo sendo nordestino, não deixa de reconhecer e revelar a pluralidade dos (Ser)Tões como fez Dominginhos e Gilberto Gil em:

### **Lamento Sertanejo<sup>6</sup>**

Por ser de lá  
Do **sertão**, lá do **serrado**  
Lá do interior do mato  
Da **caatinga** do roçado

Estes dois compositores talvez tenham sido um dos poucos, ou os únicos, que expuseram na musicalidade os biomas Cerrado (Serrado) e Caatinga, como espaços contidos e que também contém os (Ser)Tões do Brasil. Comumente, as composições regionais, também revelam mais as representações do (Ser)Tão Nordestino, como em:

### **Pau de Arara<sup>7</sup>**

Quando eu vim do sertão seu moço,  
Do meu bodocó  
A maleta era um saco  
E o cadeado era um nó  
Só trazia coragem e a cara  
Viajando no pau-de-arara  
Eu penei  
Mas aqui cheguei  
Trouxe um triângulo no matulão  
Trouxe um gongê, no matulão  
Trouxe a zabumba dentro do matulão  
Xote, maracatu e baião  
Tudo isso eu trouxe  
No meu matulão

O (Ser)Tão Nordestino não poderia estar mais bem representado quando o transporte popularmente alcunhado ‘pau de arara’ é cantado em verso. Este serviu como condutor de tantos (Ser)tanejos rumo à migração, carregando o matulão<sup>8</sup>. Alguns levavam dentro do matulão os instrumentos (triângulo e zabumba) ou a simbologia destes em suas memórias. Os instrumentos quando usados davam harmonia aos ritmos do xote e do baião, quase como um hino do (Ser)Tão Nordestino, tocados para amenizar “a triste partida”, como declamou o poeta Patativa do Assaré sobre a saga do (Ser)tanejo ao deixar o seu local de origem para tentar outra vida em rumos longínquos. Assim, está escrito em parte deste poema:

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/dominginhos/45558/>>. Acesso em: 23 de setembro de 2009.

<sup>7</sup> Letra de Luiz Gonzaga e Guio de Moraes. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/luiz-gonzaga/261217/>>. Acesso em: 23 de setembro de 2009.

<sup>8</sup> É uma espécie de trouxa de couro ou mala improvisada. Disponível em: <<http://www.achando.info/index.php?query=matul%E3o&action=search>>. Acesso em: 18 de outubro de 2009.

### **A triste partida<sup>9</sup>**

[...]

Mas nada de chuva! tá tudo sem jeito,

Lhe foge do peito

O resto da fé.

Agora pensando segui ôtra tria,

Chamando a famia

Começa a dizê:

Eu vendo meu burro, meu jegue e o cavalo,

Nós vamo a São Palo

Vivê ou morrê.

[...]

Em riba do carro se junta a famia;

Chegou o triste dia,

Já vai viajá.

A seca terrive, que tudo devora,

Lhe bota pra fora

Da terra natá

Por meio das composições de Luiz Gonzaga e de poemas de Patativa do Assaré, até aqui destacados, fica evidente que os (Ser)Tões para estes conhecedores populares representa o lugar em um sentido de pertencimento, em que a vida do homem está relacionada às condições apresentadas por esse espaço, pois como assinala Tuan “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definições e significados” (1983, p. 151). E mais, ao se pensar o (Ser)Tão como lugar observa-se que a experiência com o lugar é que remete à identidade com o mesmo.

Estas obras de Luiz Gonzaga e de Patativa do Assaré refletem parte da visão do (Ser)Tão Nordestino, abordando as relações entre o homem, o ambiente e a cultura. O compositor e o poeta em questão, ao vivenciarem este (Ser)Tão, criam raízes no lugar. Para Tuan (1983), “sentir um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos” (p. 203).

A partir da profunda experiência da vida cotidiana, o compositor e o poeta, também conferem uma dimensão simbólica às suas obras. A inspiração de Luiz Gonzaga e Patativa do Assaré não é fruto de estudos, mas da vivência, da experiência, apresentando o (Ser)Tão Nordestino como o seu lugar. Este sendo

construído a partir de uma relação intersubjetiva, extremamente variável de indivíduo para indivíduo, quando vão sendo atribuídas ao suporte nomes e características simbólicas, constituindo-se enfim no mundo que une indissolivelmente o

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.cliquemusic.com.br/discos/ver/a-triste-partida>>. Acesso em: 23 de setembro de 2009.

sujeito às coisas, tornando-o um ser-no-mundo (HOLZER, 2006, p. 114).

Sendo assim, coaduna-se com Almeida (2003) quando ela diz que "no registro de distintos sertanejos há o reconhecimento dos diversos sertões tecidos por relações sociais que se realizam no plano do vivido e dos processos de percepções desses sertões" (p. 80). Completa Moreira (2006, p. 154) "o sertão é o mundo e o mundo é o mundo-do-homem. O sertão é esse espaço regional-universal, o mundo criado pelo homem a partir das transfusões subjetivas e sensórias [...]" que se demonstram em parte nos relatos das representações que foram narradas anteriormente e, outra parte, nas representações no *passado* e no *presente*, sobre as quais ainda vamos prosear.

### **Os (Ser)Tões: representações no *passado* e no *presente***

Este subtítulo é provocativo, inclusive para nós que o adotamos. É possível considerar que há representações dos (Ser)Tões pertencentes apenas ao *passado*? O intuito é continuar a refletir como eram algumas das representações dos (Ser)Tões e como estão na nova ordem. Para isso ainda o escrito de Almeida (2003), base de reflexão para a construção deste artigo, promove um intervalo favorável às ponderações, pois foi publicado há seis anos.

Quando esta autora expressa o olhar dos "de fora" sobre o (Ser)Tão apresenta representações de "viajantes e cronistas cujas narrativas destinavam-se a saciar a curiosidade de outros e a ensinar o que havia no Brasil" (ALMEIDA, 2003, p. 72). Estas foram narrativas anunciadas em séculos *passados*. Em uma das narrativas a autora diz que para a civilização lusitana o sertão "significava o incerto, o atrasado, o desconhecido, o longínquo, o selvagem; um lugar povoado por homens rudes e pobres onde as condições naturais e geográficas compactuavam com a violência caudilhesca e reinavam os chefes locais [...]" (2003, p. 75). Mas, as conjecturas destas representações ainda permanecem?

Correia Filho apresenta uma matéria intitulada "O sertão além do tempo"<sup>10</sup>. Nesta, ele traz informação apresentada no *presente*, ou como enunciado no título uma representação no *presente* dos (Ser)Tões, e descreve que "a região do Seridó, no Rio Grande do Norte, guarda mistérios e surpresas de Caatinga. E prova que o sertão também é terra de encantos, hoje [...]"

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/14/o-sertao-alem-do-tempo/view>>. Acesso em: 24 de setembro de 2009.

Correia Filho expõe o (Ser)Tão com um espaço para novos usos neste estado quando diz:

Hoje, quando se olha para um mapa hidrográfico do sul do estado, o que se tem é uma região coalhada de áreas azuis, indicando onde a mão do homem fez a água se acumular [...] Alguns, como o Gargalheiras, o Boqueirão e o Sabugi, permeiam toda a vida do sertanejo, servem de fonte de alimento e mantêm irrigadas plantações de milho, feijão e cana-de-açúcar. Também representam uma expectativa para o turismo, que já começa a descobrir a beleza de seu entorno – as imensas estruturas geraram as paisagens mais belas do Seridó, quando montanhas e vales desenham um horizonte inusitado para o Semi-Árido brasileiro. O Açude Gargalheiras, na cidade de Acari, passou a atrair aventureiros em busca de esportes radicais (trilhas, rapel e escaladas são praticados ali) e de sossego (a única pousada do lugar é um verdadeiro refúgio em meio ao imenso espelho d’água, ao qual se chega apenas de barco). Do topo da serra, a visão impressiona aqueles que imaginam o sertão estéril, seco e sem vida. Toda essa diversidade se apresenta ao visitante em meio a um ecossistema que, assim como o interior nordestino, foi subjugado e agora está sendo descoberto pelo mundo. Conhecida como sinônimo de seca e pobreza, a Caatinga começa a se mostrar um local cheio de vida, cor e surpresas. Quem visita a região pode ver na fauna (preás, veados, emas e grande quantidade de pássaros), na flora (vários tipos de cacto, árvore e uma imensidade de flores) e na vida do sertanejo (com suas roupas de couro e sua sabedoria) muito da cultura do Brasil.<sup>11</sup>

Na citação acima, a representação do (Ser)Tão Nordeste na visão de Correia Filho, está representado como terra de encantos e transparece como um espaço propício ao desenvolvimento de projetos de irrigação e práticas contemporâneas como o turismo. A ênfase dada por ele à paisagem exótica margeada pelos açudes com safra produtiva para os (Ser)tanejos, ou seja, praticamente um laboratório natural com fauna e flora a serem apreciadas por visitantes, se contrapõe ao (Ser)Tão pensado e expressado por outros como improdutivo. Ao expressar a sua ótica sobre a região do Seridó, Correia Filho nos convida a ver a representação do (Ser)Tão Nordeste no *presente* em uma perspectiva de interferência na percepção do lugar e dos sujeitos, sobretudo, porque as representações “não aparecem fundamentalmente como realidades individuais. Elas são de natureza social” (CLAVAL, 2008, p. 18).

Retomando o escrito de Almeida (2003), vê-se que ela falou da pluralidade dos olhares sobre os (Ser)Tões. Na sua concepção a narrativa dos

---

<sup>11</sup> Disponível em : <http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/14/o-sertao-alem-do-tempo>. Acesso em: 24 de setembro de 2009.

lusitanos demonstra a representação dos (Ser)Tões totalmente como um espaço inóspito e denegri a imagem do (Ser)tanejo por sua aparência e condição social. Na obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, também analisada por aquela autora, pode-se conferir esta mesma visão lusitana e pejorativa sobre o sertanejo, pois Euclides da Cunha narra:

O sertanejo [...]

Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofria o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela [...]

É o homem permanentemente fatigado.

Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude [...] (2003, p. 179-180).

O olhar euclidiano como um “de fora” de passagem pelos (Ser)Tões, sem a devida vivência, não conseguiu interpretar que o (Ser)tanejo como um “de dentro” demonstrava uma coragem sem medida a qual não correspondia as características de seu corpo físico. Esta coragem em total interação com a lida no espaço vivido com o saber-fazer diário correspondia a sua cultura. A narração de Euclides da Cunha não valorizou o (Ser)tanejo. Isso resultou em muitos preconceitos que ainda perduram no tocante à aparência e à condição social destes.

Estas visões lusitana e euclidiana no *passado*, contrastam-se com a visão no *presente* apresentada por Correia Filho que em seu olhar informativo revela um (Ser)Tão Nordeste transformado pelas mãos humanas e ofertado para fins turísticos. De fato, o aspecto ‘selvagem’ citado pelos lusitanos toma uma nova conotação de ‘exótico’ para ser revelado ao mundo como espaço para as modalidades do turismo de aventura. São também os (Ser)Tões de projeto, como o tão polêmico sobre a ‘Transposição das Águas do Rio São Francisco’.

Ecoa que querem mudar o curso do ‘Velho Chico’. Isso o sertanejo ‘assunta’ no *presente* e não fica ‘só a espiar’ como no *passado*. Afinal, Euclides da Cunha, contraditoriamente, foi obrigado a assumir e escrever que “o

Sertanejo é antes de tudo um forte" (2003, p. 179). E sendo forte impõe-se para reivindicar condições quando os projetos governamentais os afetam diretamente. O projeto de mudança de curso do 'Velho Chico' pode desembestar (como bem diria um sertanejo em seu palavreado) e desgraçar o rumo do rio e a vida destes (Ser)tanejos do (Ser)Tão Nordestino e do (Ser)Tão Brasileiro, pois esse rio:

nasce na Serra da Canastra, em Minas Gerais [...] Daí por diante, segue serpenteando pelo **Sertão** afora e, depois de percorrer cerca de 2.660 km, passando pelas várzeas de Sergipe e Alagoas, penetra no Oceano Atlântico, como uma cunha d'água doce no mar salgado, numa demonstração de sua força, empurrando as águas do mar, num duelo entre dois gigantes da natureza" (COELHO, 1994, p. 2).

Tal representação da força do 'Velho Chico' estreita-se com a representação de força do (Ser)tanejo. As representações para Almeida, (2003, p. 72) “são fundadas sobre a aparência dos objetos e não sobre os objetos em si [...] rege as nossas relações com o mundo e os outros [...] orienta e organiza os comportamentos [...] e interferem na definição de identidades pessoais e sociais.”

As representações sobre os (Ser)Tões numa perspectiva no *passado* constituem também a idéia do longe, do distante, como também aparece em 'Os Sertões', de Euclides da Cunha. Pontua Almeida (2003) que nesta obra o autor narra os (Ser)Tões como ambiente hostil e monótono, em que as expressões da Caatinga induzem à repulsa, ao medo, ao estranhamento e ao sufoco. Como os olhares são plurais, esta Caatinga de repulsa, medo, estranhamento e sufoco, no olhar do compositor maranhense João do Vale, para nós um “de dentro”, representa à aproximação, a chegada, a floração, a fartura com a chegada da chuva, como ele canta em parte de sua composição e de José Cândido titulada:

**Ouricuri (O Segredo do Sertanejo)<sup>12</sup>**

[...]  
Catingueira fulôro lá no sertão  
Vai cair chuva granel  
[...]  
Catingueira fulôrando sertanejo  
Esperando chover  
[...]  
Catingueira fulora vai chover  
Andorinha voou vai ter verão  
Gavião se cantar é estiada  
Vai haver boa safra no sertão

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/joao-do-vale/1546761/>>. Acesso em: 20 de agosto de 2009.

Para quem não tem um olhar ampliado sobre os espaços físicos que contêm biomas dos (Ser)Tões, como é o caso da Caatinga, é passível de interpretar que sua estética é a sua representação como narrou Euclides da Cunha em 'Os Sertões'. Mas, a essência desta representação está no olhar de quem tem a sensibilidade de saber que os (Ser)Tões "são segredos que o sertanejo sabe e não teve o prazer de aprender ler" como completa João do Vale na mesma composição citada acima 'Ouricuri' (O segredo do sertanejo).

Assim, são muitas as representações. Aqui se podem constatar as narrativas oriundas dos que nasceram e viveram nos (Ser)Tões. Ou, dos que os conheceram de passagem, sem a vivência demorada. Ou, dos que escreveram sobre os (Ser)Tões a partir de produções existentes. Neste sentido é continuada a prosa sobre as representações dos (Ser)Tões no *passado* e no *presente*.

Se destacado os (Ser)Tões no *presente* vê-se que a nova ordem promove novos usos. Apresenta-se aqui uma representação que se encontra fundada em olhares do capital direcionados para as paisagens dos (Ser)Tões como detentores de uma diversidade histórica, cultural e ambiental que serve aos interesses do turismo que se desenha nos interiores do Brasil. Toma-se a Caatinga e o Cerrado como biomas desprovidos da condição de patrimônios nacionais na Constituição Federal de 1988 e vislumbrados cada vez mais para as práticas turísticas compatíveis com os solos dos (Ser)Tões e os (Ser)tanejos que os empreendedores turísticos desejam 'espetacularizar' para os visitantes, pois:

o clima árido e seco também é uma particularidade que o sertão tem para oferecer, sobretudo para mostrar que seu povo sobrevive nesse tipo de ambiente de forma forte e sem titubear às crises e a seca vez por outra intensa na região (BRITO, 2004, p. 1).

Mas esse mesmo (Ser)Tão que torna a vida do (Ser)tanejo sofrida como nos fala o autor acima, também é expressado como exótico para as modalidades do turismo de aventura. Quem nunca ouviu falar do Cerapio? Ou, no Piocera que surgiu em 1987 e em "2009: Entra na Era do Satélite/GPS. Na sua 22ª edição, o Piocera retorna as suas consagradas trilhas pelos sertões do Piauí e Ceará, revivendo os tempos de glória quando se deu início a uma das provas mais famosas do esporte Off Road brasileiro".<sup>13</sup> Essas modalidades não param por aí, em:

Quixadá, município do Sertão Central do Ceará [...] se prepara para receber os turistas que procuram aventura e esportes radicais. [...] O evento reúne atletas praticantes de motocross,

<sup>13</sup> Disponível em: [pedalemgrupo.blogspot.com/.../piocera-ou-cerapio.html](http://pedalemgrupo.blogspot.com/.../piocera-ou-cerapio.html). Acesso em: 23 de setembro de 2009.

bicicross, canoagem, rappel, vôo livre, corrida, off-road indoor, entre outros. [...] Todo este fluxo de pessoas movimentada a economia de todos os municípios vizinhos, além de promover uma outra face do sertão nordestino, a da potencialidade para o ecoturismo. [...] As intrigantes rochas de monólitos que parecem ter sido esculpidas pelo homem abundam na região de Quixadá. São formas inusitadas que parecem erguer-se do nada em pleno sertão, formando cenários desafiadores para os amantes de esportes radicais. Para completar, há muitas trilhas, o vento é farto e não faltam abismos e rochas altas para se jogar de uma asa delta.<sup>14</sup>

Aqui cabe reportar-se ao texto de Penna (1992) em que a autora menciona que “toda representação é construída através de um processo de seleção e esquematização” (p. 60). Portanto, as representações dos (Ser)Tões no *presente*, enquanto espaço turístico são um recorte a partir do qual os indivíduos formulam uma identidade e ainda “pode-se dizer que compõem um 'ponto de vista', uma redução da realidade da qual é, por outro lado, a apreensão possível” (PENNA, 1992, p. 60).

Isso pode ser apreendido também pela construção de um (Ser)Tão em que as bases turísticas se fundam na exposição das comunidades do interior. A aventura dos praticantes se junta à espetacularização dos (Ser)tanejos que os reporta às representações contidas no *passado*. Estes homens, mulheres e crianças têm os seus espaços invadidos pelos enduros e são novamente expostos como miseráveis e famintos. Os turistas de práticas de aventuras nos (Ser)Tões parecem tentar amenizar o abuso dos impactos ambientais, culturais e sociais causados por suas caravanas de carros, no momento em que param para distribuir cestas de alimentos aos regionais do caminho. A cena leva os (Ser)tanejos às condições de ajuda prenhes no *passado*. Luiz Gonzaga já criticava tal conduta ao cantar “seu dotô uma esmola a um homem que é são/ ou lhe mata de vergonha/ ou vicia o cidadão” nos trechos contidos em sua composição e de Zé Dantas (VOZES DA SECA, 1953)<sup>15</sup>.

Os mesmos turistas dos *rallys* também mascararam os seus excessos nas informações via *site* oficial justificando as prestadas responsabilidades sociais dirigidas aos moradores dos destinos entrecortados pelos transportes pilotados por quem se admira em espalhar poeiras e impactar terrenos e a vida de pessoas.

Até aqui a nossa intenção corrobora com Moreira (2007) quando ele diz que “fazer dialogar a geograficidade do romancista e a geograficidade do

<sup>14</sup> Disponível em: [www.diariodonordeste.globo.com/materia](http://www.diariodonordeste.globo.com/materia). Acesso em: 24 de setembro de 2009.

<sup>15</sup> Disponível em: <http://letras.terra.com.br/luiz-gonzaga/47103/>. Acesso em: 23 de setembro de 2009.

geógrafo pode ser assim um exercício dos mais estimulantes para a reflexão em geografia". Isso fez Almeida (2003), especialmente no seu escrito 'Em Busca do Poético do Sertão: um Estudo de Representações' que é seguido para as principais reflexões ao longo da (re)leitura e da (re)poética aqui proposta na geoliteratura dos outros autores adotados e na visão representativa dos “de dentro”, os compositores e o poeta escolhidos para a narrativa.

### **Abreviamos a prosa como conclusão...**

Conforme Haesbaert "precisamos restaurar a interpretação poética da Geografia" (1997, p. 30), pois a racionalidade que marcou e continua marcando a Ciência produziu uma não valorização do artístico, através de uma valorização máxima do Positivismo, cujos conhecimentos deveriam ser exatos e objetivos, e a Geografia não fugiu a esta regra. Tanto que Moreira (2007) afirma:

A Literatura talvez seja a forma mais pura de apreensão da geograficidade. Nela a trama da experiência de espaço-tempo da geograficidade aparece na forma direta e imediata das significações, grafada no imaginário e na linguagem do personagem. Daí a noção corrente de a literatura diferir da ciência pelo seu discurso livre e simbólico, sem o rigorismo do método usado pela ciência. Um grande engano como vimos.

É assim que 'Os (Ser)Tões: Representações no *Passado* e no *Presente*' por meio da (re)leitura e (re)poética baseando-se na geoliteratura se configura como uma possibilidade de evidenciar que este "discurso livre e simbólico" mencionado acima por Moreira (2007) pode dialogar com o "rigorismo do método" como bem interpreta este mesmo autor. As composições musicais, poesias, passagens de romances e reflexões de autores que adotam o mesmo caminho geoliterário serviram de andaimes para se expressar as representações sobre os (Ser)Tões a partir de diferentes visões de mundo, incluindo-se as nossas.

Para Almeida (2003) com quem se construiu a principal interlocução para o desenvolvimento deste artigo, as visões do (Ser)Tão reveladas no texto pelos “de dentro” como pelos “de fora” evidenciaram as diferentes paisagens sobre os (Ser)Tões. Para nós as representações dos (Ser)Tões no *passado* e no *presente* evidenciam as experiências dos seres humanos com os espaços retratados mediante uma linguagem simbólica.

O (Ser)Tão ainda conforme Almeida (2003) “é pois, uma dupla criação da cultura. A cultura de quem olha e a apreende, e a cultura daquele que cria, a inventa. Aí reside o mistério da paisagem, o mistério do sertão” (p. 87).

## Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do Sertão. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTS, A. J. P. Geografia: leituras culturais. Goiânia: Alternativa, 2003.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Geografia e Literatura- a poética dos cantos sertanejos de Patativa do Assaré. Disponível em: <egal2009.easyplanners.info/.../2004\_\_Almeida\_Maria\_Geralda\_de.doc>. Acesso: 15/06/2009.

ASSARÉ, Patativa do. Eu e o Sertão. Cante lá que eu canto Cá. Filosofia de um trovador nordestino. Petrópolis, Editora Vozes, 1982.

BARCELLOS, Frederico Roza. Espaço, lugar e literatura – o olhar geográfico machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, n. 25, p. 41-52, jan./jun., 2009.

BRITO, Bruno Dantas Muniz de. Circuito Cultural Vale do rio do Peixe. Sertão da Paraíba. Disponível em: <<http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?idconteudo=3377>>. Acesso em: 25 de set. 2009.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. A dança da natureza e a ruína da alma: geografia e literatura – uma leitura possível. Revista Ateliê Geográfico Goiânia-GO v. 1, n. 2, dez/2007, p.174-186.

CLAVAL, Paul. Uma, ou algumas, abordagem(ns) cultural(is) na geografia humana? In: SERPA, Ângelo. Espaços culturais: vivências, imaginações e representações. Salvador: EDUBA, 2008.

COELHO, JORGE. SOS São Francisco. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/textos%20online/transposicao/coelho.pdf>>. Acesso em: 25 de setembro de 2009.

CUNHA, Euclides da. Os sertões. Campanha de Canudos. São Paulo: Ática, 2003.

ESPORTE E AVENTURA EM QUIXADÁ. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=674036>>. Acesso em: 25 de setembro de 2009.

HAESBAERT, Rogério. Território, poesia e identidade. (Rev.). Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 3, 1997.

HOLZER, Werther. Sobre paisagens, lugares e não-lugares. In: OLIVEIRA, L. de; FERREIRA, Y. N.; GRATÃO, L. H. B. Geografia, percepção e cognição do meio ambiente. Londrina: Edições Humanidades, 2006.

LUSTOSA, Isis Maria Cunha. Reservas particulares do patrimônio natural (RPPNs): uma “leitura crítica”. In: ALMEIDA, Maria Geralda de. (Org.) *Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biodiversidade e singularidade cultural*. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.

MOREIRA, Rui. Ser-tões: o universal no regionalismo de Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Guimarães Rosa. In: MOREIRA, Rui. *Pensar e ser em geografia: ensaios de histórias, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 2007.

PENNA, Maura. *O que faz ser nordestino. Identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina*. São Paulo: Cortez, 1992.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar. A perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

---

#### Isis Maria Cunha Lustosa

Professora colaboradora da Universidade Federal do Tocantins (UFT) no Núcleo de Estudos Regional, Urbano e Rural (NURBA).

Doutora e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Especialista em Turismo e Meio Ambiente pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Pesquisadora vinculada ao Laboratório de Estudos das Dinâmicas Territoriais (Laboter) da Universidade Federal de Goiás.

SQN 208, Bl. D, Apto. 401, Brasília – DF, CEP.: 70.853.040

E-mail: isismclustosa@gmail.com

#### Mariléia Oliveira Bispo

Graduada em Geografia pela Universidade do Tocantins.

Mestre e Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é professora na Universidade Federal do Tocantins e integrante do Núcleo de Estudos Regional, Urbano e Rural (NURBA).

Rua Marabá n. 2054, Jardim Querido, Porto Nacional – TO, CEP.: 77.500-000

E-mail: marcileiabispo@uft.edu.br

---

Recebido para publicação em maio de 2013  
Aprovado para publicação em agosto de 2013